

O processo educacional nas histórias de Chico Bento: Representações sobre educação no universo rural brasileiro

The Educational Process in Chico Bento's Stories: Representations About Education in the Brazilian Rural Universe

Cintia Weber Biazzi y Joao Batista Martins

Universidade Estadual de Londrina

jbmartin@sercomtel.com.br

Resumo

Tendo como ponto de partir o enfoque dos Estudos Culturais, este trabalho procurou identificar e compreender as representações que são veiculadas acerca do processo educacional nas histórias de Chico Bento - um personagem das histórias em quadrinhos do Brasil. Trata-se de um personagem criado por Maurício de Sousa que vive na zona rural brasileira. O percurso do trabalho incluiu uma etnografia das revistas do personagem Chico Bento, caracterizando o universo rural em que vive, enfocando as práticas educacionais, especialmente suas experiências escolares. A partir da delimitação desse universo foi possível analisar de que as formas como os criadores do Chico Bento articulam a relação o conhecimento científico x conhecimento popular, enfatizando o papel da professora Dona Marocas e suas práticas pedagógicas.

Palabras clave: Chico Bento; Processos educacionais; Zona rural brasileira

Abstract

In this work we use Cultural Studies to identify and understand the representations that are transmitted about the educational process in Chico Bento's stories - a character of a comic strip in Brazil. He is a personage who lives in the Brazilian rural zone and was created by Maurício de Sousa. The trajectory of this work included an ethnography of the magazines about Chico Bento, characterizing the rural universe where he lives, focusing on the educational practices and especially his school experiences. Since the delimitation of that universe, it was possible to analyze in which ways Chico Bento's creators articulate the relationship between scientific knowledge x popular knowledge, emphasizing the pedagogic practices of the teacher, Miss Marocas.

Keywords: *Chico Bento; Educational processes; Brazilian rural zone*

Este artigo se inscreve no contexto educacional a partir de várias dimensões, de vários atravessamentos. Por um lado sua realização nos remeteu para nossa infância, para nosso universo infantil e aqui, o mundo do Chico Bento – personagem das histórias em quadrinhos (HQ) criado por Mauricio de Souza – se confunde com nossas histórias pessoais, com nossas reminiscências.

Por outro lado, este texto quer colocar em relevo uma forma de expressão cultural que é pouco valorizada no universo da comunicação – as histórias em quadrinhos. Nossa opção – o “gibi” do Chico Bento – valoriza este veículo uma vez que através dele são problematizadas situações que dizem

respeito ao universo infantil e aos processos educacionais, especialmente aqueles relativos a uma realidade que nos é tão distante – a zona rural-, mas que, através do “gibi”, se torna tão próxima, visto que as histórias do Chico retratam situações que desvelam aspectos de nossa realidade – urbana e rural – e que, muitas vezes, passam despercebidos ao longo de nosso cotidiano.

Temos como objetivo com este trabalho colocar em evidência o “tratamento” que os criadores do personagem Chico Bento dão para os aspectos educacionais nas histórias por eles inventadas, especialmente aqueles vinculados ao processo de escolarização.

Para o desenvolvimento do trabalho, encontramos subsídios nas teorias que se organizam em torno do campo disciplinar conhecido como Estudos Culturais (EC) e, por conseguinte, entendemos as histórias em quadrinhos enquanto artefatos culturais produzidos, consumidos no contexto de uma sociedade capitalista. Artefatos que, no caso da revista Chico Bento, produzem e evidenciam significados e representações acerca da escola, da figura do professor, do conhecimento científico, etc.

Estudos culturais: desdobramentos e aproximações¹

A Inglaterra, década de 50, pós Segunda Guerra Mundial, foi o palco do nascimento e desenvolvimento dos EC. Os primeiros trabalhos deste campo de pesquisa são originários de investigações universitárias e marginais, que enfocaram os problemas sociais e os relativos à linguagem. Posteriormente, os EC se expandiram para diversos campos como as artes, as ciências humanas, as ciências sociais, a tecnologia, etc. problematizando objetos como cultura, ideologia, linguagem e o simbólico em trabalhos envolvendo consumo, moda, identidades sexuais, museus, turismo, literatura, etc. Assim podemos dizer que “Os estudos culturais não constituem um conjunto articulado de idéias e pensamento [...] eles são e sempre foram um conjunto de formações instáveis e descentradas. Há tantos itinerários de pesquisa e tão diferentes posições teóricas que eles poderiam ser descritos como um tumulto teórico” (Costa; Silveira & Sommer, 2003: 39).

As discussões promovidas por este campo de produção científica, desde a sua origem, funcionaram como uma contraposição às tradições elitistas e hierárquicas. Suas pesquisas sempre procuraram enfatizar, de acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003), uma análise de toda a produção cultural de uma sociedade, isto é, seus artefatos culturais que incluem filmes, quadros, fotografias, mapas, vestimentas, peças publicitárias, histórias em quadrinhos, artesanatos, etc. e suas práticas, a fim de compreender os padrões comportamentais e os valores que permeiam as relações entre os indivíduos. Em outras palavras, os EC discutem temáticas vinculadas a questões sobre a cultura enfatizando o seu significado político.

O grande empenho dos pioneiros dos EC foi quebrar o paradigma que definia (e até hoje ainda perdura em alguns meios) cultura apenas como a produção cultural das elites. O que os teóricos almejavam era que a cultura dita popular também tivesse um lugar no campo de investigação acadêmica, de tal forma que não fosse tratada como algo escuso e indigno de análise. Eles esperavam que a “baixa cultura” pudesse ter seu *status*, e demonstravam que ela tinha seus mecanismos internos, sejam eles para resistir ou aderir ao sistema de poder vigente.

¹ Para a apresentação dos EC estaremos nos baseando nos trabalhos de Costa, Silveira & Sommer (2003) e Mattelart & Neveu (2004).

Cabe destacar que, para os EC a cultura é tomada como um todo,

[...] em sentido amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais. Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender em que a cultura de um grupo, e inicialmente a das classes populares funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder (Mattelart & Neveu, 2004: 13-4).

Para Stuart Hall (*apud* Costa; Silveira & Sommer, 2003) é nesta cultura que se dá a disputa pela significação de distinções que ocorrem no âmbito de uma sociedade capitalista. É neste lugar, denominado cultura, que as classes populares podem contestar a imposição de significados que partem das elites. Ou seja, programas de televisão, imagens, gráficos, livros, músicas e, até mesmo, histórias em quadrinhos são manifestações culturais e ao mesmo tempo artefatos produtivos que representam, que inventam e negociam sentidos e significados encontrados na realidade. Para este autor, a análise dos artefatos culturais também deve levar em consideração a linguagem e a metáfora lingüística que os permeia, uma vez que elas podem estar embebidas daquilo que realmente lhes dá significado, da real fonte do poder. Pode-se concluir, a partir destas considerações, que os próprios artefatos culturais são o campo desta negociação de significados. Em outras palavras, os EC não estão tão preocupados com os artefatos culturais enquanto textos, artes, valores, costumes, etc., mas sim enquanto processos sociais que envolvem a produção, a distribuição e a recepção dos mesmos. A ênfase também se dá na apropriação destes artefatos e como são agregados ao conhecimento local (Costa; Silveira & Sommer, 2003).

Da relação entre cultura, ideologia e artefatos culturais

Seguindo Mattelart e Neveu (2004), a cultura está problematizada no contexto dos EC em torno de quatro conceitos. São eles: a identidade, a hegemonia, a resistência e a ideologia. O conceito de identidade é definido como a forma que as pessoas se estruturam subjetivamente. A hegemonia, para os autores, aproxima-se da perspectiva de Antonio Gramsci onde se consolida através da construção do poder, isto é, os dominados aceitam os valores da ordem social. Estes valores sempre pertencem à classe social mais alta, e as idéias e as crenças funcionam como base para a aliança entre os grupos sociais, garantindo, desta forma, a autoridade e a hierarquia.

Entretanto, ressaltam Mattelart e Neveu (2004), as classes populares podem colocar obstáculos a essa dominação, vindo a construir mecanismos de resistência frente ao que está posto. Podemos tomar como exemplo deste movimento as subculturas, que se mostram sempre ambivalentes, pois funcionam como uma declaração de independência e ao mesmo tempo confirmam a privação do poder. Gramsci, para os autores, aprofunda tal discussão uma vez que ele:

[...] leva a sério a fórmula de Marx sobre a 'ideologia como força material', busca pensar tanto a capacidade de resistência dos dominados como o modo como o 'senso comum' difundido pelas elites contribui para seu assentimento à ordem social. Para além de posições abstratas, Gramsci desenvolve suas intuições em uma série de análises de campo: sobre o papel da literatura popular de folhetim como instrumento de difusão de uma ideologia, sobre as resistências e a autonomia de uma 'sociedade civil',

[...], sobre os vínculos dos intelectuais como mediadores 'orgânicos' dos dispositivos de poder, ou como promotores de estratégias de 'contra-hegemonia' (Mattelart & Neveu, 2004: 80).

Com relação à ideologia cabe explicitar que os conteúdos ideológicos da cultura remetem à percepção dos sistemas de valores, às representações que levam à resistência ou aceitação, dentro de um contexto. São os discursos e os símbolos que permitem os grupos populares construir sua consciência da identidade, como força ou alienação às idéias dominantes. Considerando que a ideologia está fortemente ligada à questão da organização social e uma vez que esta também se estrutura a partir dos artefatos culturais, não podemos evitar uma abordagem ideológica destes últimos.

Para McAllister, Sewell Jr. e Gordon (2001) a problemática da ideologia, no contexto dos meios de comunicação, nos remete a duas definições. A primeira está focada na política, envolve discussões acerca do seu caráter liberal contrapondo-se ao seu caráter conservador. A outra está limitada a questões de persuasão da mídia e discussões sobre a influência da mídia de massa no seu público, não importando a natureza da influência. No presente trabalho abordaremos a segunda possibilidade, tratando especialmente de um dos vários artefatos culturais encontrados em nosso universo cultural: a história em quadrinho.

Falar de história em quadrinho sem abordar a questão ideológica é um tanto quanto difícil. Apesar da existência de diversos trabalhos que tratam esta relação – ideologia x história em quadrinho, de diferentes perspectivas e abordagens, foi em McAllister, Sewell Jr. e Gordon que encontramos dois motivos que justificam a aproximação que procuramos fazer no contexto deste trabalho. O primeiro se vincula à principal característica da história em quadrinho, isto é, a combinação entre imagem e palavra que há nesta produção cultural, sendo que a primeira sobressai à segunda, tornando a história em quadrinho um artefato de fácil disseminação e compreensão por parte de pessoas de diferentes níveis escolares. Este dueto entre a figura e a palavra permite uma manipulação de significados dentro de um pequeno contexto (que por vezes é o quadro, a tira ou a própria revista) e que expressa uma representação e interpretação das imagens e significados ideológicos, isto é, os elementos comunicativos promovem um contexto onde ocorre uma manipulação de significados, valores e interpretações diversas, sucedendo em uma imposição de significados ao leitor.

O segundo motivo para a presente abordagem, de acordo com McAllister, Sewell Jr. e Gordon (2001), é a significância social que a história em quadrinho possui. Independente do estigma a ela vinculado – situando a história em quadrinho como um passatempo de crianças e adolescentes – é possível observar uma dedicação, de crianças, jovens ou adultos, para a leitura da “tira do dia” presente nos jornais diários. Apesar dos diferentes contextos sociais e políticos, bem como dos diversos papéis que as histórias em quadrinhos assumem em diferentes países, este comportamento é notado em várias partes do mundo. Para Rubenstein (*apud* McAllister; Sewell Jr. & Gordon, 2001), o comportamento é similar não importando a função do quadrinho, esteja ele funcionando como um mecanismo de criação ou de resistência à identidade e imperialismo cultural.

McAllister, Sewell Jr. e Gordon (2001) apontam para várias pesquisas que compreendem que as histórias em quadrinhos não retratam a vida de uma maneira neutra e que as imagens por elas transmitidas não são ao acaso. Na maioria das vezes elas apresentam questões sociais e representações de grupos particulares, com implicações ideológicas. Isto é, a vida é representada em

uma história em quadrinho trazendo implícita uma ideologia, o que leva os autores a concordarem com Sabin (cf. McAllister; Sewell Jr. & Gordon, 2001) quando diz que os quadrinhos são o produto das tensões sociais, o reflexo daquilo que acontece na sociedade.

O caminho percorrido

Na história da nossa espécie, assim como é comum a utilização de imagens para contar histórias, também é comum procurar interpretar as mensagens veiculadas tanto nas figuras quanto nos textos. Cappelle, Melo e Gonçalves (2003) comparam este movimento interpretativo como uma busca, uma busca de mensagens ocultas, pois caso não esclarecido, o leitor fica submetido a um jogo de duplo sentido. Eles também alertam quanto à existência de textos latentes sob os textos lidos, atuando inconscientemente no leitor.

Inúmeros são os artefatos culturais que veiculam textos latentes, entre eles destacamos as histórias em quadrinhos, que tal como os anúncios comerciais, podem ser considerados textos sociais, já que, por muitas vezes, se ancoram às situações presentes no momento em que são publicados.

Frente a esta perspectiva, este trabalho se ocupou em analisar o quanto às imagens e os textos nas histórias do Chico Bento veiculam uma visão de mundo, estilo de vida e valores. Por meio de tal análise entendemos ser possível “demonstrar a natureza social e culturalmente construída da subjetividade e dos valores, de como a sociedade constrói algumas atividades como tendo valor e como sendo benéficas, enquanto desvaloriza outras” (Kellner, 1995: 127).

O “objeto” desta análise foi as histórias da turma do Chico Bento com a perspectiva de identificar e compreender de que maneira o processo educacional (mais especificamente o escolar) é apresentado ao leitor.

Ao nos defrontarmos com este objeto de estudo foi necessário, num primeiro momento, conhecer o universo cultural em que as histórias do Chico Bento se desenvolvem. Assim, nossa preocupação inicial foi a de identificar quais os valores, os hábitos, os sentidos e os significados que circunscrevem o universo de Chico Bento. Tal descrição foi realizada tendo como ponto de partida a linguagem gráfica (desenhos, histórias, etc.) e as atitudes dos personagens que acompanham a ação das histórias.

“Lidando com” o material

Para a realização da pesquisa procuramos ler um grande número de exemplares das histórias em quadrinhos do Chico Bento. O material consultado partiu tanto de acervo particular quanto da Gibiteca de Londrina e da Biblioteca Municipal de Londrina. Nessa empreitada reunimos 180 revistas, referentes ao período de 1986 a 2005. Com o material em mãos fizemos várias leituras de diferentes histórias, dando preferência àquelas que eram protagonizadas no contexto escolar e àquelas que tinham como pretexto contextos e ou situações escolares.

Após uma primeira leitura, as histórias foram catalogadas para facilitar a análise e discussão. O catálogo se constituía do nome da história e o nome da revista ou almanaque a que pertenciam, por exemplo, Mônica, Cebolinha, Chico Bento. Em seguida, havia uma classificação entre história ou tira e por fim, eram descritos o ano e o número de páginas. A história ou tira era descrita em seus detalhes e depois

eram expostos alguns pontos que chamavam a atenção. O catálogo era finalizado com a lista dos temas abordados naquela história ou tira, como por exemplo, ecologia, religião, etc.

Esta primeira abordagem do material foi nos possibilitando delinear o universo do personagem Chico Bento. Tal atividade pode ser caracterizada como a efetivação de uma “etnografia” uma vez que teve como objetivo a descrição da cultura em que Chico Bento está envolvido, desvendando os diferentes significados que percorrem seu universo e os sentidos atribuídos as suas experiências e vivências (cf. Spradley *apud* André, 1995).

A leitura dos “gibis” nos permitiu uma aproximação cada vez mais estreita com o universo de Chico Bento, a partir da qual procuramos entender os significados ali expressos. Desta forma pudemos desvendar os hábitos, as crenças, as práticas, a linguagem e os valores que permeiam as relações e o mundo deste personagem.

A partir desta construção, onde circunscrevemos o universo do Chico Bento, criamos as condições para analisar as maneiras como o processo educacional escolar ali se efetiva, principalmente nos momentos em que as histórias acontecem no universo escolar, momentos em que protagonizam a história, além do Chico Bento, seus pais, sua professora Dona Marocas e os seus colegas de sala.

Ao longo deste percurso outro personagem que chamou nossa atenção foi Dona Marocas, sua professora. Este personagem é imprescindível para nossa leitura da realidade escolar das histórias. Ela protagoniza, praticamente, todas as histórias que envolvem situações escolares e, ao longo de nossa leitura, fomos traçando seu perfil o que, expressa de certa forma, a visão do autor sobre o papel do professor.

Nossa aproximação com a vida de Dona Marocas foi sendo feita a partir de uma composição da personagem, isto é, a partir das histórias fomos construindo seu universo. Esta construção, por sua vez, não se efetivou de uma maneira linear, uma vez que a “vida” de Dona Marocas nos foi sendo apresentada de forma bastante irregular. Nós a conhecemos aproximando uma informação aqui com outra acolá e, este exercício, nos possibilitou compreender a figura da professora que se apresentava diante dos nos olhos.

O universo do personagem chico bento

Quem é Chico Bento?

Na medida em que fomos lendo as revistas do Chico Bento, tivemos a condição de pinçar – nas mais variadas situações – as características deste personagem. Ele foi criado por Maurício de Sousa em 1961, seu aniversário é comemorado em 1º de julho, e, apesar de nunca ter sido mencionada sua idade, aparenta ter aproximadamente 7 anos de idade. Ele sempre está vestido com uma calça azul quadriculada, camiseta amarela, chapéu e costuma andar descalço, exceção quando vai visitar familiares na cidade, nos dias chuvosos, quando vai à missa aos domingos, quando vai namorar Rosinha ou a festas.

Trata-se de um personagem que nos remete para o meio rural, muito semelhante a outras figuras de renome nacional, como Nhô Quim, primeiro personagem das histórias em quadrinhos do Brasil; Jeca

Tatu, personagem utilizado em campanhas educativas, servindo de alerta aos problemas que afligem o homem do campo e o inesquecível Mazzaropi, figura histórica do cinema nacional.

Soubemos, através das histórias, que ele é filho único, mora com seus pais num sítio próximo a Vila Abobrinha – interior de São Paulo. Ele e seus amigos frequentam uma escola municipal, cuja professora é Dona Marocas.

Percorrendo as histórias, vamos descobrindo que Chico é um menino carinhoso, prestativo, conservador, apegado à família, com humor instável e sentimental. Ele é apresentado com certa ingenuidade e literalidade, ou seja, na maioria das histórias ele é caracterizado como menino sem malícias, que compreende tudo ao pé da letra, sem ambigüidades, tomando atitudes ou respondendo às situações que vivencia de tal forma que chega a surpreender os que estão convivendo com ele.

Suas histórias geralmente são engraçadas e bem humoradas, o que nos permite identificar um “quê” de romantismo em suas tramas. Aqui, os conflitos, a dor, o sofrimento, **aparentemente** estão afastados, as formas como tais situações são resolvidas, em determinados momentos, surpreendem o leitor.

Além de romântico, as histórias também nos remetem para uma atitude contemplativa, especialmente quando a trama gira em torno de questões relacionadas à natureza. A adoração de Chico pela “mãe natureza” é bastante recorrente: ora nos vemos diante de situações onde ela a contempla e discorre sobre sua beleza; ora às voltas com questões relativas a criação – sempre vista como uma obra divina; ora as histórias denunciam a poluição; ora apresentam os benefícios que ela nos faz.

Uma característica da personalidade de Chico, bastante recorrente nas histórias, é sua disposição para a negociação. Ao estabelecermos os universos por onde Chico Bento circula (a religião, a fantasia, o mundo urbano, o saber institucionalizado etc.), bem como suas fronteiras (entendidas aqui como espaços liminares através dos quais os personagens das histórias do Chico Bento transitam estabelecendo-se uma dinâmica que ora é vivenciada como conflituosa, ora como engraçada), pudemos perceber que “negociar” é uma característica de Chico, não com intenções de “enganar” ou iludir o outro. Ao contrário, a negociação por ele estabelecida traz implícito um processo de adaptação, de apropriação e de re-significação da experiência – o que ele coloca em jogo são os sentidos que percorrem as situações vivenciadas.

Pelo fato de o personagem circular por vários universos, este movimento de ir e vir, gera vários conflitos, que nem sempre são solucionados, e que exigem do personagem uma adaptação. Isto é muito freqüente quando se ele vê as voltas com questões religiosas, momentos em que tenta “negociar” com Deus e com o padre Lino. Na escola, tal postura é muito comum quando tenta “negociar” com a professora. Tal ajustamento, por vezes, inclui a apropriação de características destes mundos. No caso do Chico, especialmente, a apropriação pode até mesmo descaracterizar o personagem e pode ser por esta razão que as negociações não têm continuidade nas histórias posteriores.

A negociação foi a forma, talvez, que o autor encontrou para “ceder” àquilo que é imposto, seja pela sociedade, pela religião, pela família, pela escola etc. Em outras palavras: o personagem busca adaptar-se à ordem vigente, mas, evita ceder completamente, pois a negociação implica que ambos os lados concedam. Trata-se de uma resistência à ideologia dominante: negociando, o personagem evita perder os seus valores. Ou ainda, é possível pensar em Chico Bento e suas negociações como Stuart Hall (apud Costa, Silveira & Sommer, 2003) pensou sobre as histórias em quadrinhos. Para o autor, elas são

manifestações culturais e ao mesmo tempo artefatos produtivos que representam, que inventam e negociam sentidos e significados encontrados na realidade. É exatamente isto que Chico Bento também faz, ao procurar adaptar-se.

As negociações são também sinal da descontinuidade, outra característica das histórias deste personagem. Com exceção feita às histórias que têm continuidade na própria revista ou em edições posteriores, todas as outras apresentam um começo, meio e fim, que geralmente não se estende para outras histórias que abordam inclusive o mesmo tema. Por exemplo, o garoto afirma que nunca mais irá mentir, contar lorotas e ninguém, nem mesmo Deus, acredita no garoto, porque páginas à frente, o que se vê é o bom e velho Chico contando alguma mentira para Rosinha, ou para a professora, e até mesmo para seus pais (“A maior de todas”, Chico Bento, 1986).

Esta descontinuidade pode ter duas funções: a primeira seria um recurso que o autor utiliza para evitar que o personagem se descaracterize. A segunda, seria igualmente um recurso do autor, mas num sentido de resistência à dominação dos valores elitistas. De acordo com Mattelart e Neveu (2004), uma forma de impedir a dominação de outros grupos sociais é resistindo, ou seja, fazendo com que as novas adaptações de Chico Bento perdurem pouco tempo, não se estendendo para o corpo de características do personagem.

A língua utilizada pelo personagem é o *caipires*. Todas as falas de Chico Bento são escritas de maneira a ferir a ortografia, recurso usado pelo autor para transportar o leitor ao contexto rural. O autor não atribui valores para essa forma de falar – se um ou outro tipo de linguagem está correta ou não – ele apenas apresenta ao público as diferenças existentes.

Até mesmo nas redações escolares – onde a expectativa é o português da língua culta – o personagem utiliza o *caipires*. Isto é recorrente nas redações sobre suas férias como “A redação” (1987) que fala sobre um seqüestro de Chico Bento por piratas e “A redação” (1989g), que fala sobre uma viagem, na fantasia, que ele fez.

Apesar do autor das histórias do Chico trabalhar com muito humor as situações em que o personagem se defronta com a língua “cultá”, de um modo geral, estas são situações bastante problemáticas para ele.

Tais situações, que geralmente se organizam em torno de algumas dicotomias: língua culta x *caipires*, conhecimento cotidiano x conhecimento sistematizado (apresentado pela escola), rural x urbano, são vivenciadas por Chico com muito sofrimento – pois em muitas histórias ele sempre é desprestigiado por “errar” – seja por seus amigos, seja por sua professora. É o que nos mostra a história “O bom português” (Chico Bento, n. 86, jan. 1989) onde ele tem “estafa mental”. Esta história relata seu contato com um dicionário e, devido suas intenções de ser bem sucedido e bem visto por todos – inclusive pela professora – passa a noite em claro estudando e decorando os verbetes encontrados no livro. No dia seguinte, sua fala está totalmente diferente, repleta de sinônimos e palavras ditas corretamente. Porém, Chico não deu conta de se apropriar de tanta informação e desfaleceu na escola, sendo constatado pelo médico que se tratava de uma estafa mental, decorrente de tanto estudar o dicionário.

O universo rural

O ambiente em que Chico Bento vive é a zona rural, muitas vezes apresentado como sendo semelhante ao paraíso, onde tudo e todos são felizes. Em várias histórias é apresentada uma idéia de equilíbrio entre as forças da natureza e as forças do homem². Por mais que exista a ação do homem, como por exemplo, Nhô Bento trabalhando com a terra, esta relação se dá com muito respeito, daí seu equilíbrio, tal perspectiva não se encontra nas histórias em que o cenário é a cidade (sempre mostrada de modo conturbado, com muita correria, o que deixa Chico Bento bastante estressado).

De um lado, esta natureza é apresentada na dimensão mais natural, com a manutenção do ciclo da vida, resgatando-se certo darwinismo, aonde os mais fortes sobrevivem em detrimento dos mais fracos. Por outro lado, esta mesma natureza compõe algumas cenas com o personagem onde se observa uma cumplicidade entre eles. Esta particularidade é evidente em algumas histórias, entre elas, “O meu pé de banana-nanica” (1998b), em que o pé de banana tenta animar Chico que está triste porque seus pais terão que vender o sítio. Outra passagem desta relação equilibrada entre homem x natureza aparece em uma história em que a onça ataca Chico Bento e Rosinha, onde a fera, uma cúmplice do garoto, o deixaele vencer a briga, possibilitando que ele seja valorizado por sua coragem.

Um exemplo de cumplicidade também ocorre quando Chico, sabendo da possibilidade de alguns animais serem sacrificados para a ceia de Natal, corre em socorro deles, que são tratados pelo próprio nome, dado pelo garoto. Entre Chico e estes animais existe mais que uma relação de amizade, na qual, eles parecem ocupar o lugar de irmãozinhos na vida de Chico.

Um aspecto importante a ser ressaltado diz respeito à retórica utilizada por Mauricio de Sousa na construção de suas narrativas que envolvem a relação homem x natureza. As histórias, de um modo geral, remetem para uma reflexão sobre os modos pelos quais o homem apropria-se ou transforma a natureza. Nesses momentos, o criador de Chico defende a preservação da natureza e dos animais, utilizando-se das histórias para defender a causa ecológica.

Cabe registrar, no entanto, que o mundo natural também é apresentado como fonte de perigo, pois ali estão presentes elementos da natureza que colocam em risco a vida das pessoas, como por exemplo, os animais selvagens.

Estes desafios são apresentados em “O circense” (1990b), que faz uma bonita comparação entre o homem rural e o artista de circo. Nesta comparação, o homem rural representado por Chico Bento e seu primo Zé Lelé, enfrentam inúmeros desafios perigosos para chegarem até o circo, e no espetáculo, os artistas arriscam-se em apresentações que se assemelham aos desafios por eles encontrados ao longo de sua ida ao circo. Entretanto, os primos não se dão conta de que correm os mesmos riscos, e exacerbam a coragem dos artistas, sem conscientizarem-se que também são corajosos.

Ao longo das histórias, a vida do campo vai tomando várias dimensões, complexificando-se. É possível perceber que são vários os desafios enfrentados pelo homem do campo. Em “Mesa farta” (1998a), é apresentada a fartura do homem do campo como resultado do esforço humano e também divino; em “O profissional” (1989b), é apresentado Chico Bento cuidando dos animais machucados; “O saci ataca outra

² Faz parte da revista do Chico Bento, as aventuras de Papa-Capim, um indiozinho brasileiro. Este personagem aparece em algumas edições e também nos almanaques. Uma das histórias em que este personagem interage com Chico Bento é “Como apresentar um trabalho” (Chico Bento n. 239, março 1996) que aborda a visita de Chico no habitat de Papa-Capim, que lhe apresenta a cultura indígena.

vez” (1989d), expressa o folclore regional, que permeia a fantasia rural, e que por vezes atrapalha o cotidiano. A história “O agricultor” (1990g), além de apresentar a rotina de um trabalhador da zona rural, desde o seu levantar, passando pelos processos de preparação da terra, plantio até colheita, ressalta também as mazelas que o setor enfrenta, como a estiagem. “O pescador” (1991b), por sua vez, ressalta a criatividade necessária ao homem moderno, pois ao ir pescar, Chico Bento percebe que não há mais peixes no lago. Então, a solução é despoluir o local, aproveitando para vender os objetos recicláveis. Com isso, Chico Bento consegue dinheiro e resolve o seu problema comprando peixe na peixaria.

Muitas histórias também valorizam o saber do homem do campo. Um exemplo pode ser visto em “O sabe-tudo” (1987), em que a professora percebe que o aluno tem o seu saber cotidiano, advindo da rotina rural e não da ciência. “Em busca do conhecimento” (1988a), também demonstra o quão a vida rural é desprezada e considerada como desprovida de saber e de qualidade, e que só um olhar de fora, como, por exemplo, de um ser de outro planeta, é capaz, de realmente, notar a qualidade de vida que se tem trabalhando adequadamente com a natureza.

O contexto em que este ambiente rural vai se descortinando frente aos nossos olhos se organiza e torno de uma pequena vila: Vila Abobrinha.

Vila Abobrinha oferece aos seus habitantes uma série de recursos. Ela é formada por algumas casas de comércio como a venda de Nhô Lau, que inclusive é o proprietário do pomar cuja goiabeira é constantemente assaltada por Chico e seus amigos. Há também outra venda da vila, sob os cuidados do português Nhô Manuel. Na Vila Abobrinha também tem a papelaria de seu Tomás, onde Chico costuma comprar seu material escolar. A farmácia do seu Brito – referência resgatada por Chico em uma aula de geografia, onde a professora lhe questiona sobre os britânicos, e ele prontamente responde que são “os filhos do seu Brito, da farmácia”. Um outro farmacêutico – seu Irineu – também se faz presente neste cotidiano. A vila também tem a barbearia, a do seu Jurandir, aonde Chico vai para cortar seus cabelos. A profissão de médico é exercida pelo doutor Tônico e pelo doutor Cido, ambos apressados em atender seus pacientes. A religiosidade do local, sob o comando de padre Lino, é expressa por uma igreja católica, sendo um dos coroinhas o personagem Chico. A igreja aparece em ocasiões que envolvem confissões e orações, e, geralmente, padre Lino está presente nestes momentos.

O fato de o autor valer-se de um universo rural para seu personagem, expressa algo aos leitores: além de ser um local estereotipado e facilmente encontrado na realidade, ele é como se fosse um grito de socorro. Isto é, frente ao avanço desenfreado da urbanização, tem-se a impressão que o único lugar para o refúgio e que se assemelha ao paraíso é Vila Abobrinha. A criação deste espaço foi o caminho encontrado pelo autor para a expressão e o resgate de uma cultura, a cultura rural, que tem caído no esquecimento das pessoas que vivem nos centros urbanos.

As características principais que se observam nos moradores da vila são a honestidade, a solidariedade e a amizade, que permeiam todas as relações sociais. Tais características ficam explícitas pelo fato dos moradores conhecerem-se pelo próprio nome, diferentemente do que ocorre na zona urbana, em que as relações são, em sua maioria, permeadas pela impessoalidade. O vilarejo expressa, de uma certa forma, uma resistência aos modos capitalistas e urbanos de convivência.

Este retrato de Vila Abobrinha não é neutro. Todas as imagens e os discursos, como apontam McAllister, Sewell Jr. e Gordon (2001) apresentam questões sociais, como a solidariedade, o êxodo rural, a ecologia, a ética e representações de grupos particulares, as famílias rurais. O criador de Chico Bento

faz uma articulação bem humorada entre suas histórias com a realidade rural, oportunidade que coloca em evidência o descaso e a desqualificação para com o mundo rural brasileiro.

O universo familiar de Chico

Chico Bento é filho único e recebeu o mesmo nome do avô paterno, Francisco Bento. Sua avó paterna é Vó Dita. Seu pai, Nhô Bento e sua mãe Dona Cotinha são agricultores e bastante carinhosos com o filho.

Entretanto, quando Chico apronta alguma arte, geralmente grave, o que se observa é uma punição por parte dos pais, que se manifesta em forma de bronca oral e algumas palmadas no bumbum do garoto. Existem várias histórias que abordam a punição dos pais. Dentre elas, destacam-se a “Doutor Chico” (1989b), em que ele se passa por assistente do médico e aplica injeção em Nhô Lau, o dono das goiabeiras, se vingando dos tiros de sal que leva no bumbum quando é pego invadindo o pomar e “Os outros Chicos” (1992c), onde a bronca oral e as palmadas são por vários motivos, como tirar nota baixa, roubar goiaba, mentir, quebrar a porteira etc.

Os pais, por sua vez, têm grandes expectativas com relação ao futuro do filho. Em vários momentos Nhô Bento expressa o desejo de que seu filho venha a se tornar um “doutor”. A família valoriza o conhecimento, especialmente aquele relacionado com o universo da ciência, sendo que este sinaliza um futuro promissor. Há uma história em particular que demonstra esta expectativa. Nela o pai de Chico ralha com ele para que ele estude mais, vislumbrando um grande futuro para seu filho. Entretanto, ele encontra uma cigana que prevê o futuro de seu filho: um profissional bem sucedido que perdeu suas raízes familiares. Tal premonição faz com que Nhô Bento deixe de interferir tanto na vida escolar de seu filho (cf. “Filho Doutor”, 1997e).

Na maioria das vezes em que o tema escola x relações familiares é apresentado, as histórias mostram a colaboração dos pais com os estudos de Chico. O pai ajuda “com o que pode” – uma vez que também apresenta certas dificuldades na “leitura” e na “escrita”. No entanto, cabe registrar que, apesar das dificuldades, ele sempre tenta assegurar as condições para que seu filho aprenda como, por exemplo, procurando o dicionário que o filho precisa, que até então servia para calçar a cama de Chico.

A dificuldade do pai de Chico também é tratada pelo autor das histórias, especialmente em “Reunião de pais e mestres” (1993f). Nela o pai de Chico percebe que não pode cobrar tanto do filho porque nem ele mesmo sabe. Por esse motivo, ele resolve trocar os papéis e assume o lugar do filho indo para a escola para aprender mais – entendemos que aqui o autor da história se aproxima da questão da alfabetização de adultos.

Dona Cotinha, por sua vez, também procura auxiliar o filho nas tarefas escolares e por vezes até o marido, incentivando ambos a leitura. Em uma situação, expressa na história “Ler faz bem”, a professora pede aos alunos que leiam um livro, e em casa Chico pede ajuda ao pai para encontrar um livro e este lhe dá uma lista telefônica para ler. Quando Dona Cotinha vê esta situação, leva o filho até um baú onde estão vários livros da sua juventude. Ela incentiva o filho e aproveita também para incentivar o marido ao hábito da leitura.

Apesar de boa parte das histórias apresentar o Chico como filho único, a família Bento não foi sempre pequena assim. Chico já teve uma irmã mais nova, Marianinha, que faleceu ainda bebê. Nesta oportunidade, o autor apresentou com muita sutileza dois temas difíceis de serem abordados no universo

infantil: a origem e o destino da espécie humana, isto é, “de onde viemos?” e “para onde vamos?”. Cabe registrar que tais questões não foram abordadas sob uma perspectiva religiosa, ela foi contada sob a forma de fantasia, em detrimento, inclusive, da própria ciência médica.

A história onde é apresentada a trajetória de sua irmã se chama “Uma estrela chamada Marianinha” (1990c). Ela conta a vinda de uma estrelinha para a terra em forma humana que acabou caindo na família Bento. Após a gestação e o parto, a garotinha nasceu. Entretanto, ainda muito pequena, ela adoeceu e acabou retornando para o lugar de onde viera, voltou para o firmamento entre as outras estrelas, para tristeza da família³.

Entre os parentes de Chico Bento há o primo Zé Lelé (cujo parentesco entre os seus pais não aparece) que sempre o acompanha em suas aventuras e peripécias. Ainda temos Vó Dita, sua avó que centraliza, de alguma forma, o conhecimento popular que transmite através de suas histórias. Além disso, temos o Primo que vive na cidade grande, cujo pai é irmão de Nhô Bento.

Como é possível observar, o fato do personagem possuir uma estrutura familiar, por si só, já expressa valores: a valorização de uma instituição familiar, composta por pai, mãe e filhos, além de avós, tios, primos. A família Bento resgata a instituição familiar e a constituição de laços afetivos duradouros entre indivíduos consangüíneos. Estes valores implicam relações de poder (os mais jovens devendo obediência e respeito aos mais velhos) e práticas culturais características baseadas nestes valores e relações (Sardar & Van Loon *apud* Costa, Silveira & Sommer, 2003).

O círculo de amizade do personagem envolve, além do Zé Lelé, o descendente de japoneses Hiro, Zé da Roça e Rosinha. Esta personagem é a namorada de Chico, cuja relação é permeada pela inocência, carinho, timidez e ciúmes.

Este “namorico” está presente em quase todas as revistas do Chico. Suas histórias retratam as várias facetas de um relacionamento afetivo infantil. Assim, vale destacar a história “Na direção certa” (1989c) que demonstra o quanto o namorico dos dois por vezes atrapalha a rotina escolar, “Tudo pra não ver um amigo triste” (1989h) que retrata o namoro como a única coisa que pode fazer Chico feliz, “A força do pensamento” (1995a) que mostra a forte ligação existente entre o casal; “Como sofre um coração” (1995n), que fala de ciúmes e “Prova de amor” (1996a) em que Chico tira zero na prova por fazer uma declaração à garota em lugar de responder a questão.

Cabe registrar que nesta relação, Rosinha é quem traz na bagagem o romantismo, os sonhos e também a teimosia, enquanto que cabe a Chico a inocência, a timidez e a proteção da namorada. Este ponto remete para as expectativas acerca do lugar do homem e da mulher no universo familiar de Chico: aos homens cabe o trabalho “duro”, a proteção; às mulheres o “cuidado” da casa e dos filhos.

Além de todas as dificuldades que o casalzinho enfrenta como timidez, outras crianças perturbam a relação entre os dois. Genesinho, por exemplo, constantemente paquera Rosinha. Já na história, “Coladinho” (1989d), outro empecilho é apresentado para a continuidade da relação: o pai de Rosinha é contra o relacionamento de ambos, talvez pela pouca idade de ambos.

³ Esta é uma das poucas histórias em que Chico e seus familiares se vêem diante de uma situação de sofrimento.

As rotinas de Chico

As atividades rotineiras de Chico são aquelas de qualquer criança: pela manhã vai à escola, depois passa algum tempo namorando Rosinha, ou brincando com seus amigos, à noite fica em casa. Seu cotidiano, também é marcado também por outras atividades: em algumas histórias ele realiza alguns afazeres antes do compromisso escolar: dá comida para os animais, corta lenha, tira leite da vaca, capina a terra etc. Estas histórias retratam um Chico Bento trabalhador, porém, em outras, depois de estudar e trabalhar, ele costuma nadar e pescar no ribeirão, roubar goiabas do pomar de Nhô Lau, brincar, namorar Rosinha, ouvir histórias da avó Dita, estudar, contemplar a natureza, participar das festas da vila como a do Pimentão e quermesses da igreja⁴.

De um modo geral o personagem Chico Bento é apresentado como um bom garoto: trabalhador, amigo fiel, filho obediente etc. Estas qualidades estão ligadas à expressão de valores, como o respeito à natureza, à família, à religião, a importância do trabalho, da solidariedade, da amizade e da educação.

Apesar de estudar e ajudar a família no sítio, a fama predominante de Chico Bento é a de preguiçoso. Em muitas situações, Chico é apresentado aos leitores como um garoto que não gosta de trabalhar e tampouco de estudar. É assim que ele “aparece” na história “O profissional” (1989b). Na ocasião, Chico está ocupado com a terra, mas não arando e sim procurando minhocas para pescar, havendo confusão entre o pescar por lazer, compreendido pela Rosinha, e o pescar enquanto atividade que vise o lucro ou a subsistência, argumentado pelo garoto.

Chico é também um garoto muito sonolento como sugerem as histórias “A penitência” (1989d), quando o personagem acaba adormecendo na igreja, enquanto está cumprindo uma penitência, após a confissão. Em “Eta, soninho pesado” (1989g), Chico segue sua rotina sem ter acordado, vivenciando o seu dia de forma automática; já em “Eta, sono bão” (1995l), ele tenta dormir, mas ninguém o deixa, até que ele resolve ir continuar o sono no cemitério.

Até na escola, Chico sente sono, principalmente nos dias em que a professora faz ditados. É o que sugere uma das histórias, “Como diz o ditado” (1995d) em que Chico Bento acaba adormecendo durante um ditado que acaba sendo feito de diferentes partes que resultam numa mensagem engraçada, porém desagradável para a professora, que lhe dá a maior bronca.

Não é só na escola e entre os amigos que Chico é considerado preguiçoso. A família Bento parece ter este conhecimento, como insinua a tira apresentada na revista de número 113 (1991c), onde sua própria mãe, Dona Cotinha, o compara com um bicho preguiça.

A questão que gira em torno da razão trabalho/escola x “preguiça” é um elemento que gera bastante conflito na vida de Chico. Temos a impressão de que tal percepção se estrutura pelo fato de as pessoas que estão ao seu redor não perceberem o quanto sua rotina diária é estressante e repleta de sacrifícios. Em uma das histórias que percorremos – “Depois da aula” (1997c)– sua professora, que sempre o considerou um menino preguiçoso, foi levada a rever seus preconceitos ao ver o quanto o cotidiano de Chico era difícil.

Uma das histórias – “Que nem o pai!” (2000e) – sugere que ele faça mais “propaganda” das suas qualidades, uma vez que ele faz os trabalhos que seu pai solicita e quando encerra resolve descansar

⁴ Conforme as histórias: Mudanças bruscas (1988c), Atrasado pra aula (1994i), Dia feliz (1987), O agricultor (1990g) e O Sabe-tudo (1987).

um pouco. Entretanto, as situações em que as pessoas o encontram são os momentos de descanso e comentam que ele não se parece com Nhô Bento, um homem muito trabalhador. Por conta destes comentários Chico se zanga, pois nenhum dos personagens presentes nas histórias vê que ele também trabalha e se esforça que nem seu pai.

A educação formal de Chico Bento

O personagem Chico Bento frequenta a primeira série do ensino fundamental na escola municipal de Vila Abobrinha, onde o personagem mantém uma boa relação com a professora, Dona Marocas, e com os demais alunos. Por vezes ele atrapalha as aulas, ora com conversas paralelas, ora com respostas literais e ingênuas, tirando com recorrência muitas notas zero. Mas, em várias situações Chico Bento aparece como um aluno nota dez, fazendo trabalhos até em grupo e apresentando-os adequadamente.

Esta relação, entre Chico Bento e a educação formal, estabelece uma fronteira com o universo do saber institucionalizado, cuja representante é a instituição escolar. Nesta fronteira, é possível observar um intenso exercício de negociação entre Chico com sua professora Dona Marocas, decorrente dos conflitos que ocorrem entre o personagem e o ambiente escolar.

A educação formal oferecida pela escola é a representante do saber científico, diferente do saber cotidiano construído a partir da realidade de Chico Bento. E a instituição deste saber, por meio da escola, exerce forte influência no seu cotidiano, inserindo-se nas relações familiares, evidenciada pela história já citada “O bom português” (1989j), “Ler faz bem” (1994a) em que Dona Cotinha mobiliza a família toda no hábito da leitura, atendendo a um pedido da professora, através de uma atividade (ler um livro) que os alunos deveriam fazer; bem como “Lição de casa” (1998c) em que até os pais do garoto são mobilizados pelas situações escolares, como ajudar o filho a estudar, a procurar um livro etc.

No entanto, o ambiente escolar é fonte de conflitos para o personagem, que aparece várias vezes sem vontade de estudar, ou sem estímulo para tal atividade. A dificuldade geralmente vem acompanhada de sintomas como sono, dores de cabeça etc. - a dor de cabeça aparece quando ele deve estudar.

Geralmente a falta de vontade de estudar aparece sob a forma de preguiça. Assim, em várias histórias, Chico se vê buscando certas artimanhas para burlar as situações de aprendizagem no contexto da escola. Em “Chico Bento” (1994j) ele utiliza um falso par de óculos para poder dormir em sala de aula, assim como em “Início de aula”, onde ele está sem vontade para voltar às aulas e quando percebe que não tem jeito, que todos têm suas obrigações e que a dele é estudar, começa a pensar nos dias em que não haverá aula, como por exemplo, no domingo.

Compreende-se que o saber sistematizado exerce forte influência na vida de Chico, e tal fato não está vinculado a um gostar de estudar para ter o conhecimento, mas a uma possibilidade de ser bem quisto pela professora, pelos colegas e também pela família. Pois, quando Chico Bento apresenta motivação para os estudos, ela não advém do fato de ser o estudo prazeroso, ou pelo fato de se ter um saber, mas sim pela possibilidade de aprovação dos colegas, pelo fato de ser bem quisto e aceito pelo grupo com que convive. É o que sugere a história “A nova aluna” (1995b), onde Chico se esforça bastante para ser um bom aluno apenas para chamar a atenção de uma nova aluna, que por sua vez, é transferida da escola alguns dias depois. A questão da aprovação por parte dos colegas também é evidenciada em “Sem cara para encarar” (1993b), em que ele tira nota zero e é zombado pelos colegas de classe, que

após serem corrigidos pela professora vão até a casa do amigo Ihe pedir desculpas. Em outra história, “O aluno mais aplicado do dia” (1989f), Chico apresenta-se como o aluno mais aplicado da sala, levantando constantemente o braço para atender às solicitações da professora, não por saber ou por aprovação, mas sim pelo fato de todos notarem que ele estava usando desodorante.

A história “É a consciência” (2005), por sua vez, apresenta Chico tentando divertir-se, mas ele não consegue porque a todo o instante sua consciência o recorda da prova que ele terá. Por fim, o personagem desiste da diversão e vai para casa estudar.

A representação da educação formal – entendida como saber científico – sempre se organiza em torno do saber cotidiano construído a partir da realidade de Chico Bento. E a instituição deste saber – através a escola – exerce forte influência nas práticas sociais que são apresentadas nas tramas do personagem: interferem nas relações familiares, uma vez que os pais de Chico têm expectativas de um dia Chico se tornar um doutor; e, para tanto, são mobilizados pelas situações escolares acabando por ajudar o filho a estudar, a procurar um livro, etc.

A influência da escola também é presente nas relações afetivas e sociais de Chico, como sugerem as histórias “Uma pedra à beira do caminho” (1992b) em que a namorada Rosinha acredita que não foi Chico quem escreveu em uma pedra uma declaração, por saber que, se ele o fizesse, haveria muitos erros de português; “Quem declama... não reclama!” (1992c), onde Chico, empolgado pela declamação que fez na escola, resolve se declarar para a namorada Rosinha que o agride fisicamente, por achar que ele a desrespeitou ao dominar a timidez e se declarar a ela; e “Eu não estou de recuperação, não!” (1999d) em que a namorada Rosinha se chateia com um menino que está interessado nela porque ele zombou de Chico por este estar de recuperação.

Aliás, a escola “frequenta” até os sonhos de Chico. É o que mostra a história “Pesadelo de tabuada” (1991e) e “Aquela noite antes da prova de matemática” (1997f), em que o garoto tem sonhos com relação à tabuada e a prova de matemática que aconteceriam no dia seguinte.

Não só as relações de Chico e seus sonhos são influenciados pelo saber científico. Este universo também permeia os seus comportamentos e pensamentos, como apresentam algumas histórias como: “O compasso” (1995h), em que Chico fica tão empolgado com o compasso, que acaba utilizando só este objeto em sua prova e o resultado é uma nota zero, mas nem tão redonda quanto os círculos que ele fez com a ajuda do compasso; “Múltiplas opções” (1995j), em que após sair da prova em que haviam três opções para responder, Chico continua a pensar sempre em três possibilidades diferentes, estudar, trabalhar ou namorar. Há também a história “Por cima da terra” (1996e), onde Chico apresenta para Zé Lelé um globo terrestre e fica tão entusiasmado que acaba tendo enjôos, por realmente sentir que estava mexendo com o planeta Terra.

O mau desempenho nas atividades escolares de Chico é interpretado por sua professora de diversas formas. Numa das histórias ela, ao anunciar mais um zero na vida acadêmica de Chico (Chico Bento, 1992b), assinala que seu problema não é o estudo, mas o querer fazer somente coisas que Ihe dão prazer, como nadar no ribeirão, passear etc.; em outra chama atenção para a falta de disciplina nos estudos e na realização das tarefas de casa.

Chico, por sua vez, também interpreta seu “fracasso”. Em uma das histórias explica que sua nota zero não estava relacionada à falta de estudo, mas aos objetos e situações que o fazia recordar da cor branca, logo “deu branco” na prova e como consequência a nota zero (Só podia!, 1994j).

Uma das estratégias do personagem para driblar o insucesso é preparar colas ou colar dos colegas – esta atitude é tão comum na vida de Chico que, em uma de suas histórias, ele tenta colar uma oração que lhe servirá como penitência após sua confissão com o padre de que havia colado na prova (“Um pecado que não cola”, 2000c). Entretanto, apesar das tentativas, suas colas nem sempre o ajudam e os zeros são inevitáveis.

A experiência de insucesso escolar é mostrada de várias maneiras: ora com um certo humor, como por exemplo a tira que mostra seu primo Zé Lelé triste por causa da nota zero que tirou e Chico zombou dele, sem saber que o primo havia colado dele naquela prova (1993g). Ou ainda uma outra onde se afirma que é comum toda criança se envolver com algum tipo de coleções, seja de selos, revistinhas, carrinhos, mas Chico Bento coleciona notas zero em seus boletins (Coleções, 1995e). Ora com um certo tom dramático uma vez que o insucesso “envergonha” Chico – ele sofre. É o que podemos verificar na história “Sem cara para encarar” (1993b) em que ele tirou zero e a turma zombou dele, por esse motivo o garoto se envergonhou e se entristeceu.

Cabe registrar que nem sempre Chico se dá mal nos estudos! Quando ele se dedica fazendo tarefas, trabalhos e estudando em casa, obtém resultados positivos, e conseqüentemente a aprovação da professora, dos colegas, da família. Algumas histórias nos falam destes resultados positivos como “O sabe-tudo” (1987) em que a professora dá nota dez pelas atitudes que têm, como ajudar a família no sítio; também em “Notas” (1990b) que mostra ainda a qualidade do garoto em ser prestativo com o próximo, vindo a receber nota dez de um anjo. Vale registrar que estas duas situações, onde ele “recebe” boas notas são devido às suas atitudes e não ao bom desempenho escolar.

As notas boas no boletim são surpresas até para o próprio Chico! Em “Não acredito” (1993h) ele fica atônito e diz acreditar em vários personagens fantásticos como Papai Noel, Saci-Pererê, Mula-Sem-Cabeça, mas menos no seu boletim repleto de boas notas. Em “Prova surpresa” (1997d), sua prova e sua nota foram uma surpresa para ele e para a professora. Em “Triste vida” (1996c) pode-se observar o quanto o ir bem na escola é importante para Chico, pois ao receber a notícia de que havia tirado uma nota baixa, seu dia mudou para pior e tudo começou a dar errado. Tal situação se modifica quando a professora, revendo a prova de Chico e verificando que a nota estava errada, lhe informa que ele havia alcançado um bom resultado.

De uma maneira geral, como podemos ver, o autor das histórias tenta mostrar a experiência escolar de Chico em sua complexidade. São vários os aspectos que são retratados e que dizem respeito a vida escolar de qualquer criança que está em situação de aprendizagem. Apesar das dificuldades escolares, a escola é mostrada como um espaço para vivências infantis – como o namoro, a amizade, a solidariedade etc.

Dona Marocas, a professora do Chico⁵...

A representante do universo do saber institucionalizado, na maioria das histórias, é a professora Dona Marocas, personagem que se sabe muito. Por isso, é importante a construção imaginária da professora, possível a partir das leituras das histórias que apresentam esta figura.

Nas histórias, circulam diferentes concepções acerca de Dona Marocas, isto é, existem diferentes pontos de vista, que concebem a docente por diferentes olhares. É possível identificar que, por exemplo, Chico Bento, o autor Maurício de Sousa e a comunidade de Vila Abobrinha vêem a docente de maneiras diferentes, e igualmente diferente é o agir e a prática pedagógica de Dona Marocas. Não é que estes pontos de vista sejam divergentes, mas, talvez, complementares.

De maneira geral, as leituras apresentam a Dona Marocas, como a professora responsável pelo primeiro ano da escola municipal de Vila Abobrinha. Sua função dentro do universo do Chico Bento é lhe apresentar o saber institucionalizado, motivo de inúmeros conflitos entre eles. Além de lecionar para a turma matutina de Chico e seus colegas, Dona Marocas leciona à noite para adultos, como comprova a história "Paixão de um bóia-fria" (1992d), em que Chico convida um amigo, Zé do Carrão para voltar a estudar e Dona Marocas, quando encontra os amigos, comenta da possibilidade dele estudar com o grupo noturno de educação para adultos.

Para a comunidade de Vila Abobrinha, a professora Dona Marocas apresenta-se a partir de características, como a honestidade, a solidariedade, o respeito, a boa educação e a incansável correção. Algumas histórias que exemplificam este ponto são: "O Meu pé de banana-nanica" (1998b), na qual, diversos setores da sociedade (igreja, escola e polícia) são solidários à família de Chico Bento; e "Professora tirana" (1994f), em que a professora é atenciosa e solidária com a família dos seus alunos, freqüentando a casa dos mesmos e auxiliando no que é preciso.

Ainda com respeito à boa educação, a professora não corrige só o aluno Chico Bento. Em "Sem cara para encarar" (1993b), os colegas de Chico tiraram sarro dele por causa da sua nota zero. Ele ficou extremamente chateado e saiu correndo da escola. Chegando em casa, se trancou em seu quarto e chorou. Em sala de aula Dona Marocas não teve nenhuma atitude, porém, algum tempo depois ela fez com que as outras crianças fossem até à casa do coleguinha pedir desculpas pelo que fizeram, sob sua coordenação e ainda prometeu aos pais de Chico que isso não iria se repetir. As imagens não aparecem, contudo, os discursos de Zé da Roça e de Rosinha insinuam que, antes disso, a professora conversou com as crianças e lhes chamou a atenção para que, ao invés de rirem de Chico, eles deveriam ajudá-lo.

Outra situação, que envolve a correção e a solidariedade é observada em "Eu não estou de recuperação, não!" (1999d), em que Genesinho, um garoto que gosta de Rosinha e que tenta atrapalhar o relacionamento dela com Chico Bento, fica satirizando o menino por ele ter ficado para recuperação, e Chico tenta disfarçar, mas não consegue. Dona Marocas, vendo a situação das crianças, condena esta atitude de Genesinho e, ainda, conta a todos que Genesinho não está de recuperação porque reprovou direto, e aí é Chico quem o satiriza, mas também é censurado pela professora.

⁵ Na revista número 178, publicada em 1993, o título da história "Saindo do cotidiano" especificou o nome da professora como Dona Maricota. Em histórias anteriores e posteriores a professora é chamada de nome Dona Marocas.

Para Chico Bento, a professora Dona Marocas e a docência resumem-se em algumas atitudes, entre elas, ordenar, corrigir e avaliar. Em sua ingenuidade, Chico acredita que é muito fácil ser professor, e esta visão apresenta-se, por exemplo, na história “O aprendiz” (1993d), em que Chico compõe um texto sobre o que gostaria de ser quando crescer, e depois de percorrer várias profissões, acaba fazendo sua opção pela docência, acreditando ser um trabalho “moleza”, onde o professor só tem que ordenar, aplicar provas e dar a nota que bem entender.

Como é Dona Marocas quem apresenta para Chico Bento o saber institucionalizado, e é ela quem promove um intercâmbio entre Chico e este saber, é de se prever que inúmeros são os conflitos entre o personagem e a sua professora. Tais conflitos, como todos os demais em que Chico envolve-se, são solucionados a partir das negociações, como faltar à aula com justificativas insustentáveis, inventar uma história mirabolante para justificar não ter feito as tarefas, esconder o boletim, fingir-se de pai na reunião de pais e mestres, conversar durante as aulas e responder ingenuamente às questões da professora. Estas atitudes de Chico Bento revelam uma certa dificuldade, por parte dele, de compreender o sentido dos conhecimentos que lhe são oferecidos na escola.

A fim de que esta tensão de Chico com a escola seja superada, percebe-se na ação de Dona Marocas uma valorização do saber cotidiano do aluno, o que parece diminuir as diferenças entre um e outro tipo de saber (saber cotidiano x saber sistematizado). Esta atitude da docência será discutida a seguir.

Por sua vez, o autor Maurício de Sousa também expressa a sua visão sobre a professora Dona Marocas e sobre a docência. Ao longo das histórias de Chico Bento, o enfoque é sobre a vida profissional da professora, dentro ou fora da escola. São poucas as histórias que mostram a professora fora do contexto de trabalho, ou revelando aspectos da sua vida pessoal.

Algumas histórias, que corroboram com a idéia de que o autor procura expressar a vida profissional da docente, é “Paco, o Conselheiro” (1993i). A história conta sobre o papagaio Paco, da professora Marocas, que passou algumas horas na casa de Chico Bento, sob os cuidados de Dona Cotinha. Na relação Chico Bento x Paco, o papagaio assumiu o lugar da professora, orientando e aconselhando Chico a ser um bom garoto.

Outra situação ocorre em “Saindo do cotidiano” (1993h) que conta um dia da professora, em que ela altera sua rotina, fazendo tudo aquilo que os seus alunos costumam fazer, como roubar goiabas do Nhô Lau, pescar e nadar no ribeirão. Depois deste descanso, ela retorna à escola, que está vazia porque era feriado. Como é possível notar, a opção do autor de priorizar o profissional se fez valer até mesmo em um feriado.

O leitor, ao deparar-se com esta história, poderia pensar: “será que Dona Marocas não tem mais nada para fazer no feriado, como passear, ficar com a família? Será que ela não tem família? Maurício de Sousa não se preocupa muito com estas questões. Não é o lado pessoal de Marocas que ele mostra, apesar de vez ou outra serem publicadas histórias que abordam aspectos pessoais da vida da professora, como em “Professora exemplar” (1998d), que mostra a rotina da docente fora da escola, como limpar a casa, cozinhar, lavar e passar roupa; além de realizar atividades como o conserto de goteiras, ocasião presente em “O lado frágil” (2000f).

Como foi possível observar em “Desde pequeninha” (1989b), até quando descreve a história de vida de Dona Marocas, o autor priorizou o lado profissional, abordado em alguns aspectos da infância e da

juventude de Marocas. A história mostra uma Marocas ainda criança, procurando corrigir, educadamente, as pessoas e as placas comerciais da vila onde morava (local não nomeado); e também descreve uma Marocas jovem, que continuava a estudar e a corrigir os demais. Isto sugere que Dona Marocas possui raízes na zona rural.

Tal sugestão é possível de comprovação com a já citada “Saindo do cotidiano” (1993h), onde as situações vivenciadas pela professora parecem exprimir que ela nasceu naquele lugar (campo), viveu da mesma maneira que seus alunos, agindo de modo semelhante. Passado o tempo, ela saiu do campo indo para a cidade para estudar e retornou para lecionar, para realizar sua missão contribuindo na formação das crianças que ali vivem.

Este aspecto da trajetória da professora, “sempre corrigindo” ressalta um outro ponto da compreensão do trabalho do professor, por parte do autor das histórias. Ele apresenta a profissão docente como um dom, algo que já nasce com as pessoas, desconsiderando os aspectos históricos e sociais que circunscrevem a escolha profissional.

Além da profissão em pauta ser compreendida como um dom, ela também é apresentada como uma missão, que é projetada no universo de Chico Bento por meio das relações que a professora mantém com Chico, cujo objetivo é fazer com que ele aprenda os conteúdos sistematizados.

O dom e a missão atribuídos à função docente também remetem a um aspecto divino da docência, e que por várias vezes foi encontrado em diferentes histórias. Ou seja, o autor expressa que sua visão de docência envolve uma divindade, como demonstra a história “Um anjo de professor” (1992d), em que um anjo é enviado a Chico, atendendo a seus pedidos, para auxiliá-lo na noite anterior ao dia da prova. A figura angelical foi associada ao professor. O mesmo aparece em “Notas” (1990b), quando um anjo toma a posição de professor, avalia e dá nota às boas atitudes de Chico Bento.

Acreditamos que seja esta visão da docência como um dom (que o autor procura expressar), que orienta o agir e a prática pedagógica de Dona Marocas. Sendo o seu trabalho uma missão, ela deve a todo o custo procurar concretizá-lo. A professora passa por inúmeras dificuldades para cumprir com os seus compromissos, como demonstra a história “Atrasado!” (1995f), situação em que a própria professora chegou atrasada para a aula em virtude dos inúmeros problemas que enfrentou a caminho da escola; também em “Diazinho difícil” (1996g), a personagem tem que enfrentar inúmeras dificuldades para ir dar aula em um dia chuvoso, e quase desanima, mas não desiste e sente-se recompensada por chegar à escola e encontrar o carinho dos alunos.

Além disso, Dona Marocas vai aonde é preciso, para alcançar seus objetivos profissionais. A tira da revista n. 106 (1991a), mostra exatamente esta disposição, quando a professora vai “pescar” Chico Bento que está pescando no ribeirão, ao invés de ir para a aula; e quando ela “laça” seus alunos (Zé Lelé, Zé da Roça e Chico Bento) que se distraíram em aventuras no caminho para a escola, situações descritas nas histórias “Os três alunos” (1990d) e “Bons de laço” (2001c).

O “pescar” e o “laçar” são algumas das estratégias de Dona Marocas, que às vezes são bem sucedidas, inclusive frente aos conflitos entre Chico Bento e os objetivos docentes. Um exemplo aparece em “Música bem ao longe” (1997b), cujo enredo descreve uma situação, onde a docente procura dar uma aula sobre música e é constantemente interrompida pelas perguntas ingênuas de Chico. A estratégia para fazê-lo ficar calado é a prova oral, afinal Chico Bento teme avaliações.

Todavia, nem sempre as estratégias usadas pela docente para solucionar os conflitos, são bem sucedidas. Algumas situações em que suas estratégias não surtiram bons resultados, foram veiculadas nas histórias “Mundo véio sem portera” (1996h), em que a professora tentou de várias formas lecionar geografia, mas sempre foi atrapalhada pelas conclusões de Chico, baseado em sua lógica ingênua, e em “Economia” (1997a), ocasião da aula sobre economia, atrapalhada novamente por Chico Bento, onde a professora abandonou a sala por não conseguir lecionar.

Outra situação semelhante é observada em “Problemas com a matemática” (1995g), quando a professora, percebendo que não estava conseguindo resolver os conflitos em sala de aula, buscou desesperadamente a ajuda do diretor, pedindo férias urgentes. A fuga para a diretoria também apareceu em “Tira logo esse chapéu” (1994b), quando Dona Marocas não conseguiu fazer com que o Chico tirasse o chapéu em sala de aula, como sinal de respeito, e por isso, chamou a diretora para lhe auxiliá-la.

Independente da estratégia utilizada, Dona Marocas procura sempre avaliar e corrigir os seus alunos. A avaliação faz-se necessária para a docente como uma forma de verificar se os seus alunos compreenderam os conteúdos transmitidos ao longo das aulas, e se não, corrigi-los. Cabe ressaltar que as avaliações referem-se tanto aos conteúdos quanto às atitudes; e a correção é mais voltada para as atitudes. As histórias “Sem cara para encarar” (1993b) e “Eu não estou de recuperação, não!” (1999d), citadas e comentadas anteriormente, exemplificam o zelo da professora com relação às atitudes dos seus alunos. A correção da docente faz limite entre o que é desejável socialmente e o que não é. A amizade, a solidariedade e o respeito ao próximo estão vinculadas nestas histórias e são valores que a professora procura transmitir aos alunos, circunscrevendo-se num universo ideologicamente marcado.

Em alguns momentos a avaliação da professora Dona Marocas se pauta na aprendizagem do conhecimento sistematizado, como por exemplo, nos saberes da Aritmética, da Língua Portuguesa, da Geografia, da História, da Ecologia etc. Porém, em outras situações a avaliação da professora não se apóia na aprendizagem do conhecimento em pauta, mas é relativa ao senso comum, aquilo que advém do cotidiano dos seus alunos. Em vários momentos, a docente valoriza o saber cotidiano de seus alunos e dá importância ao aspecto pessoal dos mesmos, independente de representar o conhecimento institucionalizado. Tal perspectiva fica evidente em algumas histórias como “O sabe-tudo” (1987) em que Chico Bento leva a professora para conhecer sua rotina e seu saber cotidiano, apreendido no campo; e “Bicho perigoso” (1993a), redação sobre o animal mais perigoso do mundo, em que Chico, lindamente, descreve sobre os perigos oferecidos à natureza por parte do ser humano, cujos erros ortográficos, não foram levados em conta pela docente, que opta por dar atenção à originalidade do aluno.

Esta valorização do saber cotidiano pela professora exige da docente uma postura, diferente do que muitos outros docentes fazem na prática. E esta mudança de atitude apareceu em “Depois da aula” (1997c), quando Dona Marocas, que sempre considerou Chico Bento um menino preguiçoso, foi levada a rever seus preconceitos e suas atitudes com relação ao garoto.

Laranjeira, Abreu, Nogueira e Soligo (1999) que discutiram sobre o professor enquanto um profissional que influencia diretamente na construção da subjetividade dos seus alunos, alertaram para a importância da auto-avaliação docente, de maneira crítica. Este olhar crítico sobre a própria ação é possível após a compreensão dos contextos sociais. Foi isso que Dona Marocas fez na história “Depois da aula” (1997c): ao término da aula, ela seguiu Chico Bento e observou de longe a sua rotina. Este olhar sobre o contexto

em que vive o aluno, permitiu que a professora olhasse criticamente para a sua prática, repensando a sua postura e atitude.

Em “Triste vida” (1996c), a professora também demonstrou uma postura de rever a sua prática, após dar uma nota baixa para Chico Bento em uma prova, ela revê sua avaliação, percebe o erro e conserta o resultado, para a alegria do garoto.

Quando o olhar se volta para o contexto, quando há valorização do saber cotidiano do aluno, existe um diálogo. O aluno passa a ter voz. Quando isso não acontece, o saber não tem sentido para o aluno e o ensino caminha na direção oposta. Segundo Vale (1999) a indisciplina, o desrespeito e agressão são as conseqüências desta falta de participação do aluno (VALE, 1999). Esta falta de sentido aparece também em Chico Bento, nas suas atitudes, como por exemplo, quando ele atrapalha a aula, quando inventa desculpas e não faz a tarefa etc. As notas zeros do garoto expressam muito bem esta falta de sentido.

O leitor poderá perceber que o autor Maurício de Sousa procura contemplar muito mais a formação humana dos alunos de Dona Marocas, revelando muito pouco sobre o conhecimento sistematizado que é transmitido.

Nas histórias “O sabe-tudo” (1987), a professora Dona Marocas dá nota dez pelas atitudes que Chico Bento têm, como ajudar a sua família no sítio; e em “Notas” (1990b), uma qualidade de Chico, ser prestativo com o próximo, lhe rende uma nota dez de um anjo (nesta história um anjo toma o lugar do professor, que avalia seus alunos, e avalia as atitudes do garoto).

A atitude da professora e do anjo pode ser compreendida, dentro dos aspectos mencionados por Laranjeira, Abreu, Nogueira e Soligo (1999), a respeito da formação dos professores. Estes autores explicaram que o trabalho docente acontece é *simultaneamente intelectual e técnico, profissional e político* (p.20), isto é, a ação do professor estende-se para o desenvolvimento e a formação dos alunos enquanto pessoas. Percebe-se que não basta transmitir os conteúdos, é importante educar e formar cidadãos.

Outras atitudes de Marocas são a complacência e a paciência quase sempre presentes nas histórias em que ela aparece tentando dar uma aula, mas Chico Bento a atrapalha, ou quando ele não cumpre com os seus afazeres e ela acaba até relevando. As evidências podem ser observadas na tira do Chico Bento (1993f) em que a professora faz perguntas e Chico responde com “hum”, como se estivesse pensando, mas Dona Marocas, propositalmente ou não, aceita como resposta correta, afinal as respostas de todas as perguntas eram “um”.

É possível analisar que esta complacência caminha com a rigidez. Por vezes, observa-se Dona Marocas em uma postura rígida e autoritária e histórias à frente, ela surge com outras atitudes, entre elas, relevando a ingenuidade e as dificuldades do aluno Chico Bento. É possível inferir que esta descontinuidade no agir da professora é semelhante à descontinuidade de Chico Bento: o autor Maurício de Sousa utiliza este recurso a fim de não descaracterizá-la e não torná-la uma “representante exclusiva” do ensino sistematizado, expressando valores sobre um professor que não trabalha exclusivamente para o saber institucionalizado, mas, que também trabalha com a construção do saber cotidiano.

Laranjeira, Abreu, Nogueira e Soligo (1999) discorrem sobre a função do professor afirmando que, pelo fato dele ser um profissional que trabalha com as relações humanas, ele também se faz nelas, e pelo fato dele administrar uma sala de aula, ele estabelece inúmeras relações com os seus alunos, e por

vezes, envolve-se pessoalmente com eles. Percebe-se, por isso, porque Dona Marocas tem tanta importância na vida de Chico Bento. A professora e a escola estão presentes e refletem em vários setores da vida do aluno.

Considerações Finais

A partir do caminho que percorremos neste trabalho, foi possível corroborar com a concepção de que as histórias em quadrinhos são artefatos culturais que além de veicularem mensagens também divulgam uma determinada ideologia. Se por um lado não encontramos nas histórias do Chico posicionamentos mais contundentes de seu criador que criticam o sistema social vigente, por outro, elas deixam transparecer uma ideologia, na medida em que ele recorre a uma série de valores para caracterizar a vida de Chico Bento, principalmente quando aborda os aspectos educacionais, fundamentais na formação humana.

De maneira geral, o conjunto das histórias de Chico Bento dialoga com uma série de elementos culturais tanto do universo rural quanto do urbano, remetendo-nos para situações bastante específicas – como é o caso do folclore rural – como para questões contemporâneas, como é o caso do problema ecológico. Chico Bento, o protagonista das histórias, se revela um personagem bastante habilidoso, pois com sua graça e ingenuidade, transita por estes universos, reinventando sentidos, negociando significados, o que desvela para os leitores, a complexidade de nosso país.

Neste contexto, as histórias do Chico, apesar de serem ambientadas na zona rural, têm uma inserção neste nosso mundo globalizado, uma vez que, mesmo sendo rural, ele consegue transitar – através das temáticas que são levantadas – entre o local – Vila Abobrinha – e o global – a nossa realidade mundial, pois as questões levantadas nas histórias nos afetam cotidianamente. Por mais o protagonista seja uma criança que vive no campo, sua fala alcança o leitor, como se fosse gente grande.

Natal (2005), autor que analisou algumas histórias em quadrinhos de Chico Bento e que aponta uma incongruência entre o personagem e a complexidade de nossa realidade, uma vez que nas histórias o personagem ainda vive no mundo rural, distante da mundialização cultural, da alta tecnologia, dos computadores, discman e telefones celulares. Para ele, este distanciamento assegura que o personagem Chico não seja descaracterizado.

Concordamos em parte com o posicionamento de Natal. Realmente, Chico perderia seu sentido se assistisse TV e conversasse com seu primo através da *internet*. Porém, o fato de ele não utilizar a tecnologia urbana não nos permite dizer que ele não tem conhecimento. A natureza de Chico não se faz pelo consumo de mercadorias, que em seu contexto são desnecessárias. E esta é uma de suas características, fazer o uso de instrumentos pelo seu valor de uso, como ocorre com as botinas, por exemplo.

As histórias de Chico Bento, apesar de circunscreverem-se, em sua maioria, no mundo rural, conseguem trazer à tona questões extremamente contemporâneas, que dizem respeito tanto ao universo rural como ao urbano. Através deste personagem, seu criador atualiza e problematiza aspectos da relação entre o campo e a cidade, estabelecendo novas formas para se pensar, por exemplo, a ecologia, a ética, a moral, a ficção científica, a proteção aos animais, a moda, o consumo, a saúde, a solidariedade etc. O que acontece nas histórias em quadrinhos de Chico Bento, é o que Sabin (apud McAllister; Sewell Jr. &

Gordon, 2001) assinalou sobre esta espécie de artefato cultural: as histórias em quadrinhos são um subproduto das tensões sociais, refletindo grande parte daquilo que acontece na sociedade.

Em algumas histórias é possível observar que a figura de Chico Bento representa um mecanismo de resistência, frente à dominação elitista, quando, por exemplo, ele exacerba as qualidades da convivência no mundo rural. Em outras situações, acontece o contrário: o personagem representa uma aceitação a esta dominação, por exemplo, quando procura conviver com este universo nas suas férias ou quando se adapta às exigências do mundo urbano (o vocabulário e as vestimentas).

É visível a oposição entre o conhecimento rural de Chico Bento e o conhecimento científico. No entanto, ora as histórias afirmam a hegemonia do conhecimento científico, quando Chico deve se adaptar; ora as histórias afirmam os valores vinculados ao conhecimento cotidiano, expressando certos mecanismos de resistência frente ao que está posto, ao instituído, funcionando como estratégias de contra-hegemonia. Atenta-se aqui para o fato de Chico Bento procurar “negociar”, ou seja, ele tenta adaptar-se à ordem vigente, evitando ceder completamente às normatizações impostas por Dona Marocas, pois “negociar” implica num certo ceder, mas de **ambos os lados**. Trata-se de uma resistência à ideologia dominante: negociando, o personagem evita de perder os seus valores.

O leitor deve ter notado que apesar das mais diferentes características e atitudes do personagem Chico Bento, o estereótipo “caipira preguiçoso” continua, à primeira vista. Como já foi exposto, é possível pensar que o autor Maurício de Sousa fez o uso de um estereótipo, pelo pequeno espaço que existe no quadrinho para a sua expressão, aspecto discutido por Walker (*apud* McAllister; Sewell JR. & Gordon, 2001), que o nomeou como uma sedução que os autores de histórias em quadrinhos estão sujeitos. Ou talvez, o uso de um personagem estereotipado, pode ter sido um recurso do autor para disfarçar o conteúdo do seu personagem, e até mesmo chamar a atenção para a sua obra.

O fato de Maurício de Sousa valer-se de um universo rural para seu personagem, pode exprimir o ponto de vista do autor, com relação ao avanço desenfreado da urbanização. Por exemplo, o local e os personagens têm a função de resgatar a cultura rural para os leitores (que são em sua maioria moradores da zona urbana). Todas as imagens e os discursos, como apontam McAllister, Sewell Jr. e Gordon (2001) apresentam questões sociais, como a solidariedade, o êxodo rural, a ecologia, a ética e as representações de grupos particulares, as famílias rurais. Ocorre um reflexo daquilo que acontece na realidade. O descaso com o rural e com sua ideologia são resgatados em Chico Bento.

Uma outra questão que nos chamou atenção e que é também apontada por Natal (2005), diz respeito ao fato de que, entre inúmeros personagens de Maurício de Sousa, como Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali, justamente Chico Bento, único que vive na zona rural, é também o único que frequenta uma instituição escolar.

O autor citado acima coloca que a escola de Chico Bento é apenas fonte de conflitos para o personagem. Em parte, o autor está certo. Por outro lado, após as leituras e releituras das histórias do Chico, pudemos observar que a instituição escolar não só se expressa como fonte de conflitos, problema que Chico Bento vivencia com frequência. Mas, expressa também uma série de contradições implícitas na cultura brasileira, como por exemplo, a relação entre o rural e o urbano, onde o primeiro sempre é desqualificado como atrasado, primitivo, etc., e o segundo visto como o berço da civilização, do progresso. Cabe lembrar que em nosso país, até bem pouco tempo, a maior parte de população vivia na

zona rural e que alguns elementos da cultura “caipira” estão muito presentes em nosso cotidiano, como por exemplo, na música popular.

Vale apontar ainda que a presença da escola nas histórias do Chico coloca em movimento uma outra contradição: o universo rural, com suas credices, seu folclore, seu pensamento mágico, que se opõe ao conhecimento científico, expresso na formalização do pensamento e na razão. Em determinadas histórias o protagonista se apropria do conhecimento formal com uma certa ingenuidade e literalidade que lhe possibilita interpretar a realidade de uma forma bastante peculiar, engraçada. Em outras, ele não tem escapatória, não há negociação, e, especialmente nas histórias que expressam situações de avaliação escolar, o zero é recorrente.

No entanto, o autor não aborda estas contradições valorizando um ou outro aspecto. Ele simplesmente assinala as diferenças... Nem Chico Bento, em seu universo romântico, nem Dona Marocas, no mundo do conhecimento formal, são melhores. A aproximação entre estes dois universos e as soluções encontradas para a manutenção de ambos remonta uma questão importantíssima para nossa realidade educacional, o convívio com a diferença, e as histórias nos apontam que este embate constante só é possível ser superado pela negociação de sentidos.

Ao apresentar o saber científico para Chico Bento, a professora faz um trabalho de justaposição com relação ao saber do senso comum, aquele advindo dos outros ambientes, das experiências e das relações que o garoto mantém. Sabendo que nem sempre o personagem consegue “negociar” com a educação formal, observa-se que até mesmo Dona Marocas ora serve a um mundo (universo institucionalizado), ora a outro (universo do saber cotidiano). Por isso, torna-se possível compreender e visualizar que o conhecimento científico e o conhecimento do “senso comum” não são excludentes, mas se justapõem.

Na figura de Chico Bento, a justaposição entre o saber do senso comum e saber científico também acontece e são estes dois tipos de conhecimentos que objetivam os processos de interpretação da realidade e também os processos de apropriação do conhecimento. Esta justaposição permite a Chico Bento circular pelos diferentes universos que circundam o seu, como, por exemplo, o próprio universo educacional, o universo urbano, o da fantasia, o dos sonhos etc.

Cabe registrar também, que o saber institucionalizado tem sentido para o personagem que, de alguma forma, se reconhece naquilo que é transmitido pela professora. Esta significação, por sua vez, só é possível pela postura da Dona Marocas, de considerar o saber cotidiano dos seus alunos, o que permite que eles participem do processo educativo de forma ativa. Isto é, os saberes advindos da própria experiência dos alunos funcionam como ponto de partida para a construção de outros saberes (Vale, 1999).

O leitor pode perceber que a escola aparece nas histórias influenciando (algumas situações de maneira positiva e outras de maneira negativa) a vida do garoto e sua relação com a própria família, instigando, por exemplo, Nhô Bento e Dona Cotinha a voltarem-se para os estudos e para o hábito da leitura. É esta mesma escola que o atrapalha mas que também contribui para a felicidade amorosa e para a vida social de Chico Bento.

Referências Revista do Chico Bento

- Revista do Chico Bento, n. 90. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, janeiro 1986.
- _____, n.14. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 1987.
- _____, n.40. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 1988a.
- _____, n.49. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1988b.
- _____, n.51. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1988c.
- _____, n.53. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, abril 1989a.
- _____, n.54. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, fevereiro 1989b.
- _____, n.55. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, fevereiro 1989c.
- _____, n.61. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, maio 1989d.
- _____, n.62. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, junho 1989e.
- _____, n.63. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, junho 1989f.
- _____, n.72. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1989g.
- _____, n.73. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1989h.
- _____, n.74. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1989i.
- _____, n.86. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, janeiro 1989j.
- _____, n.58. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, maio 1990a.
- _____, n.84. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, abril 1990b.
- _____, n.87. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, maio 1990c.
- _____, n.94. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, agosto 1990d.
- _____, n.96. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 1990e.
- _____, n.97. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1990f.
- _____, n.101. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1990g.
- _____, n.103. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1990h.
- _____, n.106. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, fevereiro 1991a.
- _____, n.108. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, março 1991b.
- _____, n.113. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, junho 1991c.
- _____, n.114. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, junho 1991d.
- _____, n.115. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, maio 1991e.
- _____, n.116. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, junho 1991f.
- _____, n.129. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1991g.
- _____, n.137. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, abril 1992a.
- _____, n.143. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 1992b.
- _____, n.153. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1992c.
- _____, n.154. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1992d.
- _____, n.159. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, fevereiro 1993a.
- _____, n.162. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, abril 1993b.
- _____, n.167. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, junho 1993c.
- _____, n.169. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 1993d.
- _____, n.173. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 1993e.
- _____, n.175. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 1993f.
- _____, n.177. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1993g.
- _____, n.178. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1993h.
- _____, n.179. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1993i.
- _____, n.180. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1993j.
- _____, n.181. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1993l.
- _____, n.186. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, março 1994a.
- _____, n.187. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, março 1994b.
- _____, n.188. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, março 1994c.
- _____, n.194. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, junho 1994d.
- _____, n.195. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 1994e.
- _____, n.196. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 1994f.
- _____, n.200. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 1994g.
- _____, n.202. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1994h.
- _____, n.203. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1994i.
- _____, n.204. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1994j.

- _____, n.211. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, fevereiro 1995a.
_____, n.216. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, maio 1995b.
_____, n.217. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, maio 1995c.
_____, n.220. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, junho 1995d.
_____, n.221. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 1995e.
_____, n.222. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 1995f.
_____, n.224. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 1995g.
_____, n.226. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 1995h.
_____, n.227. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1995i.
_____, n.229. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1995j.
_____, n.230. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1995l.
_____, n.232. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1995m.
_____, n.233. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1995n.
_____, n.234. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, janeiro 1996a.
_____, n.237. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, fevereiro 1996b.
_____, n.238. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, março 1996c.
_____, n.243. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, maio 1996d.
_____, n.254. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1996e.
_____, n.255. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1996f.
_____, n.256. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1996g.
_____, n.259. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1996h.
_____, n.262. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, janeiro 1997a.
_____, n.263. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, fevereiro 1997b.
_____, n.270. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, maio 1997c.
_____, n.277. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, agosto 1997d.
_____, n.281. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1997e.
_____, n.282. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1997f.
_____, n.283. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1997g.
_____, n.24. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1998a.
_____, n.230. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 1998b.
_____, n.288. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, janeiro 1998c.
_____, n.289. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, fevereiro 1998d.
_____, n.327. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 1999a.
_____, n.331. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 1999b.
_____, n.333. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, outubro 1999c.
_____, n.336. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 1999d.
_____, n.344. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, março 2000a.
_____, n.348. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, maio 2000b.
_____, n.350. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, junho 2000c.
_____, n.352. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, julho 2000d.
_____, n.356. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 2000e.
_____, n.357. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 2000f.
_____, n.367. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, fevereiro 2001a.
_____, n.383. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, setembro 2001b.
_____, n.389. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, dezembro 2001c.
_____, n.454. São Paulo: Globo/Maurício de Sousa, novembro 2005.

Referências

André, Marli Eliza D. A. (1995). *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papirus.

Cappelle, Monica Carvalho A.; Melo, Marlene Catarina de Oliveira Lopes & Gonçalves, Carlos Alberto (2003). Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. *Organizações Rurais e Agroindustriais*, 5(1), 69-85.

- Costa, Marisa Vorraber; Silveira; Rosa Hessel & Sommer, Luis Henrique (2003). Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, (23): 36-61.
- Kellner, Douglas (1995). Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In Tomaz Tadeu da Silva (Org). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. (pp.104-131). Petrópolis: Vozes.
- Laranjeira, Maria Inês; Abreu, Ana Rosa; Nogueira, Neide & Soligo, Rosaura (1999). Referências para a formação de professores. In Maria Aparecida Viggiani Bicudo & Celestino Alves da Silva Junior. (Orgs). *Formação do educador e avaliação educacional* (v. 2, pp. 17-47). São Paulo: Ed. Unesp.
- Mattelart, Armand & Neveu, Érik. (2004). *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola.
- McAllister, Matthew P.; Sewell Jr, Edward H.; Gordon, Ian. (2001). Introducing Comics and Ideology. In Matthew McAllister, Edward Sewell, y Ian Gordon *Comics & Ideology* (pp. 1-14). New York: Peter Lang.
- Natal, Chris Benjamim (2005). *Os universos de Chico Bento - estereótipos, elementos de funcionamento universal e produção de sentido nestes quadrinhos de Maurício de Souza*. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro. Brasil. Acessado em 24 novembro 2005 em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0160-1.pdf>.
- Vale, José Misael Ferreira (1999). Projeto político-pedagógico como instrumento coletivo de transformação do contexto escolar. In Maria Aparecida Viggiani Bicudo & Celestino Alves da Silva Junior. (Orgs). *Formação do educador e avaliação educacional* (v. 1, pp. 69-76). São Paulo: Ed. Unesp.

Formato de citación

- Biazi, Cintia y Martins, Joao (2010). O processo educacional nas histórias de Chico Bento: Representações sobre educação no universo rural brasileiro. *Athenea Digital*, 17, 179-205. Disponible en <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/649>



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Usted es libre de copiar, distribuir y comunicar públicamente la obra bajo las siguientes condiciones:

Reconocimiento: Debe reconocer y citar al autor original.

No comercial. No puede utilizar esta obra para fines comerciales.

Sin obras derivadas. No se puede alterar, transformar, o generar una obra derivada a partir de esta obra.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)